

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 5. Novas configurações familiares: do pai às parentalidades

**Responsável NEL-Lima:** Fernando Gómez Smith

**Participantes:** Mónica Pelliza (NEL Cochabamba), Elida Ganoza (NEL Lima), Carol Cornejo (Grupo Asociado de la NEL), Gisella Suárez (NEL Medellín)

O mesmo título que nos propõe o eixo de trabalho, nos introduz de cheio numa travessia, uma que vai do pai às parentalidades, assim mesmo no plural.

Marie-Hélène Brousse<sup>1</sup> nos diz em seu texto “Um neologismo da atualidade: Aparentalidade”, que a ordem familiar se baseia numa simetria, numa igualdade entre o padre e a mãe. Portanto, há um apagamento da diferença entre funções que até hoje estavam diferenciadas, onde a autoridade do pai não predomina mais. A parentalidade inscreve uma similitude ou uma equivalência ali onde sepropõe uma relação, mas também implica que o pai seja substituído pelos parceiros ou pelas parceiras.

Aparentalidade no código civil, substitui explicitamente a custódia. Éa figura que refere implicitamente a igualdade entre o homem e a mulher, criação e educação dos filhos. Esta equivalência, efetivamente pretende a substituição dos lugares.

Assim que a paternidade se transforma em parentalidade e em paridade, a regulação simbólica no seio da família se apaga, e esse casal ao qual Lacan assigna desde o começo até o fim, funções bem definidas, esse casal torna-se em irmãos. O casal parental é profundamente um casal fraterno.

Visto assim trata-se de um assunto que nos apresenta uma problemática que gira entorno do declínio do pai enunciado por Lacan nos anos setenta, onde se passa da autoridade paterna à autoridade parental. A família é uma função que substitui ao pai e a mãe, apagando o resto do real que assegurava sua diferença, e de maneira complementar se posiciona também numa

---

<sup>1</sup> Brousse, M.-H., Un neologismo de la actualidad: La parentalidad. *Carretel* N° 12. Barcelona. Abril 2014, p. 49.

época que se desvia da diferença dos sexos invocando aos progressos da ciência que interfere em diversas formas na concepção da criança, autoconfiante da ciência, o real da reprodução se situa separado do simbólica da filiação.

Há uma questão de partida: *em um mundo onde todos os dias somos confrontados a tentativa da diluição da diferença dos sexos, ¿o que pode se afirmar, que funciona como substituição do declínio do pai? ¿Qual é a consequência desse declínio no seio das famílias contemporâneas?*

### **Na era do Édipo**

Em 1936, no texto “Os complexos familiares” a famílias e afasta do mito e da biologia e passa á dimensão da estrutura e não a deixa no que conhecemos como o último ensinamento. O que da ao pai, a função da denominação e a mãe a função dos cuidados. Baste lembrar a citação “um pai não merece o amor e nem sequer o respeito, a condição de fazer de sua mulher a causa de seu desejo”.<sup>2</sup> Mas também nos indica que a família tem evoluído em diversas formas ao longo do tempo.

As mutações da família que vemos desde o final do Século XX, onde podemos encontrar famílias monoparentais, homoparentais, mães portadoras, etc; permite-nos questionarmos ¿o que está mudando e quais são os elementos estruturais que permanecem inalterados nestas novas formas que a família assume?

A família é uma resposta simbólica ao real do sexo, pelo fato de que no nível do inconsciente não há registro da relação do sexo entre um homem e uma mulher. Na ausência da possibilidade de se escrever simbolicamente a relação homem-mulher, a família escreve a relação pai-mãe.

O Édipo Freudiano corresponde a ideia bem consolidada da família nuclear e a potência do pater famílias. Esta instituição familiar tradicional da conta de um determinado modelo de relacionamentos de casal e de relações pais-filhos, que tem a vantagem de dar referências de identificação, ás quais por outro lado, a criança tem muita dificuldade de renunciar.

---

<sup>2</sup> Lacan, J., “El seminario22. RSI”. Lección del 21 de enero de 1975. (Inédito).

Lacan não cessou de subverter aquela visão edípica da psicanálise e previu muito cedo a declinação do Édipo em nossas sociedades. A fórmula da metáfora paterna escreve uma relação simbólica determinada entre o pai e a mãe – entre a lei do pai e o desejo da mãe –. Mas Lacan sempre tem lembrado que a ordem simbólica não tem nada a ver com uma norma e que cada sujeito tem de se relacionar com ela de uma forma única.

No *O seminário 5*, Lacan defende a ideia, nova naquele então, que aquilo que é chamado ausência paterna não está diretamente ligada a ausência da pessoa do pai – nem a sua excessiva presença. Afirma que o Édipo pode se constituir perfeitamente sem a pessoa do pai, em quanto o pai é uma função, e conforme prossegue em seu ensinamento ele acabará por tornar o Nome-do-Pai em uma denominação do real, do simbólico e do imaginário.

A função paterna tem efeitos na parentalidade, por isso qualquer movimento na primeira produz modificações na segunda.

Falar de parentalidade não é igual que falar do eixo paternidade-filiação, mas uma coisa está ligada com a outra. A parentalidade tem a ver com os vínculos que se estabelecem entre um casal e a relação simbólica que os une à forma particular de conceber a família. A parentalidade é um suposto que alguns desejam e outros não, sejam esses homens, mulheres, u homossexuais. Em contrapartida a paternalidade simbólica, não tem a ver com pessoas nem com vínculos, mas com funções. Essas funções podem cumpri-las diferentes papéis do argumento, ou elementos que estão na estrutura assim não tiverem existência real.

Se o pai é uma função simbólica, também é um função que tem efeitos sobre o real, especialmente sobre o real do sexo, que dirige a posição sexuada do sujeito, masculino ou feminino. Portanto, se o pai é uma função, é uma função que deve ser incorporada, a lei do pai como a lei da mãe devem ser incorporados.

Podemos deduzir do ensinamento de Lacan que essa função incorporada não está necessariamente relacionada ao pai e a mãe biológicos no âmbito da família tradicional.

Hoje, no nosso mundo contemporâneo, a ciência autoriza cada vez mais desassociar a parentalidade do nascimento biológico. Lacan já tinha se aproximado a esse assunto fazendo a distinção entre o pai real, o pai simbólico e o pai imaginário. Os três registros não se relacionam sistematicamente com o mesmo indivíduo. Hoje, as funções materna e paterna se misturam cada vez menos com o pai e a mãe biológicos. São exercidas por outras figuras e frequentemente não estão todas fixas de uma só vez numa mesma pessoa.

A homoparentalidade seria um excelente cenário das questões levantadas. Nesses casos somos enfrentados á possibilidade de que a função paterna não seja sustentada necessariamente por um homem, ou que a função materna seja desempenhada por uma mulher. Mas dentro dessa mesma direção podemos encontrar hoje, nessas denominadas “família clássicas” a pais responsáveis pelos cuidados maternos, inclusive pais que se responsabilizam pelo trabalho doméstico, enquanto a mulher sai a procurar o sustento da família trabalhando fora de casa.

A partir do *O seminário 20*, com as fórmulas da sexuação, Lacan nos dá uma orientação pois tem permitido romper com determinados “preconceitos” e tem demonstrado que um homem biológico pode se inscrever sobre o plano do desejo y do gozo, do lado mulher; e uma mulher, do lado do homem. “Lacan possibilitou, a través dessas fórmulas, propor uma distinção entre o sexo anatômico e a posição sexuada”.<sup>3</sup>

Neste contexto aplica-se a seguinte pergunta: ¿Será possível que a metáfora paterna, a relação do desejo á lei, possa funcionar se não estamos no caso onde a repartição pai-mãe não concorde com o rigoroso repartição homem-mulher? Jean-Pierre Diffieux, no seu texto *¿A família tem que ser necessariamente edípica?* Nos fala que “as estadísticas relacionadas com as famílias homoparentais al modo edípico, parecem dizer que sim, ainda que só fosse porque o sujeito encontra as identificações que lhe são necessárias fora da família”.<sup>4</sup>

Há um viro na orientação em Lacan, dois anos após *O seminário 20*. Ele não vai mais propor que o casal pai-mãe remete á lei simbólica, á articulação da lei e do desejo, porem agora, no seminário “RSI”, a relação homem-mulher, ou seja, ao gozo em jogo no encontro sexual, mas de acordo com Miller<sup>5</sup> seguindo a via do Édipo.

Neste seminário, Lacan remete a função paterna ao laço sexual entre o homem e a mulher. O pai do último ensinamento de Lacan é um pai vivo que não está definido pelo desejo da mãe, mas pela sua relação a uma mulher que funcione como sua causa e a quem possa lhe fazer filhos, não há outra garantia para o pai, mas que fazer uma criança a uma mulher que causa seu desejo. Tudo isto constitui uma séria renovação ás noções educativas da família

---

<sup>3</sup> Diffieux, J.-P., *¿La familia tiene que ser edípica necesariamente?* París, 2 de octubre de 2006. Permalink. Publicado el 8 febrero de 2013.

<sup>4</sup> *Ibidem.*

<sup>5</sup> Miller, J.-A., *Des gays en analyse?* Intervención en el coloquio franco-italiano de Niza sobre el tema La Cause freudienne Revue de psychanalyse N° 55. Octubre 2003.

tradicional, mas ao mesmo tempo, complica a ideia de que poderia ter sido feito da família a partir do que Lacan adiantava no *O seminário 20*, especialmente as fórmulas da sexuação, pois isto retorna a predominância o laço da família e a diferença dos sexos. Até mesmo podemos dizer que isto reforça o laço entre o biológico e a paternidade: uma mulher que seja buscada para lhe fazer filhos.

Trata-se de um pai com um gozo particular, um gozo que vivifica o desejo. No seminário “RSI”, Lacan propõe que se trata da diferença não entre o “para todos” e o “existente”, mas entre a função e sua exemplificação.<sup>6</sup>

No “RSI”, na lição do dia 21 de janeiro de 1975, Lacan explica ao pai dizendo: “um pai tem direito ao respeito e ao amor, mais ainda se esse respeito e esse amor, está *père-versamente* orientado, ou seja que faz de uma mulher, objeto *a* que causa de seu desejo”.<sup>7</sup>

Quando o pai faz de uma mulher seu objeto *a* causa de seu desejo, localiza no horizonte uma mulher com sua própria condição do fetiche. Isto é, não se trata daquele que goza de tudo e de todas, se não daquele que encontra o gozo limitado no corpo de uma mulher “Não é o pai ideal e morto e como tal não goza mais, mas aquele que dá sim mesmo um pouco de prazer, aquele que goza daquelas pequenas coisas”.<sup>8</sup>

Em “Duas notas sobre a criança” Lacan nos orienta sobre a constituição subjetiva e a função da família nos tempos do Nome-do-Pai. Enquanto que na época do Outro que não existe, nos comina a pensar nas novas configurações familiares assim como nas suas consequências na clínica.

Então, ¿como compreender esta suposta contraditória entre *O seminário 20* e o seminário “RSI”?

A partir do “Seminário 22”, e em concordância ao que Eric Laurent propõe,<sup>9</sup> podemos deduzir que Lacan separa ao pai como função, do pai como existente. O pai como função é o pai morto, contrariamente o pai como existente é um pai causado por um desejo vivo.

Laurent vai mostrar que qualquer um pode fazer a exceção, é um mais entre outros. Para Freud e para o primeiro Lacan a função necessária é aquela do pai morto, mas o existente é

---

<sup>6</sup> Lacan J., “El seminario 22...”, *op. cit.* Lección del 21 de enero de 1975.

<sup>7</sup> *Ibidem.*

<sup>8</sup> Naparstek, F., El padre humanizado en Lacan. *Enlaces* N°18. Buenos Aires: Grama. Octubre de 2012, p. 26.

<sup>9</sup> Laurent E., *El modelo y la excepción, síntoma y nominación*. Buenos Aires: Diva. 2002.

contingente: poder ser qualquer um. Por conseguinte, temos o modelo e a exceção singular que faz um por um a função.

No seu último ensinamento, Lacan dedica-se a diferença entre o Nome do Pai e o pai do nome. O pai do nome é o nome ao nível da pulsão. Isto é, a existência de uma relação entre o pai e o sintoma. Não é o mesmo o pai que a função. A função é um lugar vazio que qualquer um pode ocupar. Na lição do 21 de janeiro de 195 do seminário “RSI”, no seu último ensinamento, Lacan propõe que esse qualquer que pode ocupar o lugar da função do pai, toma o nome de sintoma.

Esta é uma versão diferente á aquela do significante do Nome do Pai. A noção do pai sintoma é abordada a partir da reformulação que o pai fez de uma mulher a causa de seu desejo. E a mesma lição onde Lacan fala da mulher como sintoma do homem, ou seja, que há uma correlação entre o pai sintoma e a mulher sintoma.

De outra parte, a proposta do pai da *père*-versão é uma noção atada á época e á clínica atual, onde nos encontramos com sujeitos que se confrontam ao sem limite, que os deixa sistematicamente com um gozo desenfreado. Isso nos traz á reflexão sobre o que podemos fazer para que um sujeito consiga um modo singular de se ligar com o gozo que não seja o ilimitado e o excesso mortífero. Lacan propõe pensar uma função do pai ligada ao gozo ilimitado e pequeno de um simples aperitivo.<sup>10</sup>

Hoje o laço familiar não tem mais nada a ver com a diferença sexual. Tal vez a definição do Pai-Sintoma não é visto tão afetado pelas novas famílias, como a definição do pai como aquele que pode fazer da mulher o objeto *a* causa de seu desejo.

Jacques- Alain Miller também vem a nosso auxílio através do desenvolvimento realizado na intervenção da conclusão do colóquio *Des gays em analyse?* Ali ele reposiciona a frase de Lacan “faz de uma mulher objeto *a* que causa seu desejo” reposicionando estritamente esta frase no registro da dimensão edipiana.

Miller nos lembra que para Lacan o pai edipiano é um nome do pai entre outros, que é uma forma, entre outras, de saber lidar com o gozo. A partir desta perspectiva Miller nos mostra que Lacan posiciona ao pai edipiano como uma versão mais, é o nome do pai entre outros, estabelecendo assim no panorama um novo modo de conceber o Édipo: “não é mais que virar ao pai enquanto ele se ocupa de uma mulher”.

---

<sup>10</sup> Lacan J., “El seminario 22...”, *op. cit.* Lección del 8 de abril de 1975.

Neste ponto de seu ensinamento, o Édipo freudiano é como uma embalagem que faz intervir a figura do pai como o proibidor e mascara uma revelação mais profunda que é a estrutura diferenciada do gozo conforme os sexos, o impossível do gozo é a verdade da proibição paterna.

*A père-version*, reservada á via edipiana, é então uma perversão entre outras. Há outras formas de saber lidar o gozo nos nossos dias –formas que põe em jogo a castração e que podem abrir a via á outras formas de paternidade que não respondem a aquela *père-version*-. Há então razões para pensar, que a família edipiana não é a única estrutura familiar. Não há mais que a proibição paterna do gozo para se desenvolver na não-relação e para fazer família.<sup>11</sup>

### ¿Todas as famílias têm como estrutura o Édipo?

A modo de conclusão poderíamos dizer que a família permanece muito presente e viva em nossas sociedades, ainda que também é verdade que cada vez mais diversificada. Quanto mais diversifica-se a família, mais propõe-se a questão do que constitui essa constante. ¿Podemos dizer que essa constante se chama Édipo? ¿Todas as famílias têm como estrutura o Édipo? Ou contrariamente podemos também nos perguntar se por trás de estes novos tipos da família contemporânea, se delineiam estruturas que não dependem do padre edípico?

### Uma resposta

¿Qual é a causa do “desejo da família”? ¿Sobre o que se poderia construir então? Jacques-Alain Miller apresenta no seu texto “Uma fantasia” (Conferenciada AMP em Comandatuba em 2004), que aquilo que substitui ao significante amo, que regula a partir de uma lei, é o mais-de-gozar.<sup>12</sup> A consequência disto é o reino do gozo, que não favorece o compromisso

---

<sup>11</sup> Diffieux J.-P., *op. cit.*

<sup>12</sup> Miller, J.-A., Una fantasía. Conferencia en Comandatuba.

com o simbólico e, portanto, também não favorece a dimensão da filiação e da transmissão, mas do exercício do gozo pulsional do Um-sozinho.

¿O que permanece no casal e na família se não está mais orientada pelo significante amo? Permanece um relacionamento de casal baseado na liberdade do gozo e no encontro de dois modos do gozo que podem ser levadas à dignidade do amor.<sup>13</sup> Isso implica uma ampla variedade de modos de fazer casal que conhecemos hoje com o neologismo de parentalidade. Daí que se proponha o tema em plural, modos que apresentam uma maior variabilidade, uma maior insegurança, mas tal vez também uma maior autenticidade se os comparamos aos casais tradicionais, sustentados no pater família.

O laço familiar que se constrói sob a ausência, a renúncia e o compromisso é o que “assume as consequências”. A satisfação do gozo é a que decide a duração do casal da família. Dois modos de gozo portados por dois “falanteseres” se conciliam por um tempo, mudam quando deixam de se gostar.

A equivalência e a inter-variabilidade dos pais se impõe no lugar da diferença entre o pai e a mãe. Diferença até então tradicional nas sociedades humanas, e que organizava o domínio da aliança.

Mas além da diluição da diferença entre a função paterna e a função materna, é a diferença homem/mulher o que também é atingido. Os casais homossexuais tocam por trás do pai e da mãe, a diferença homem/mulher, diferença até então tradicional nas sociedades humanas, e que organizava o domínio da aliança, é todo o sistema de parentesco que se encontra transformado.

Marie-Hélène Brousse diz que a *parentalidade põe em evidência hoje em dia a afirmação de Lacan não-relação-sexual*.<sup>14</sup>

---

<http://www.congresoamp.com/es/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>

<sup>13</sup> Diffieux, J.-P., *op. cit.*

<sup>14</sup> Brousse, M.-H., Un neologismo de actualidad: la parentalidad, *op. cit.*, p. 52.